



farol

Verão 2022/2023 | V. 18 | N. 27

Centro de Artes

Universidade Federal do Espírito Santo

Biblioteca Setorial do Centro de Artes – Universidade Federal do Espírito Santo

FAROL – Revista do Programa de Pós-graduação em Artes. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes – número 26 – Vitória : Centro de Artes/UFES, verão 2022-2023.

Semestral

ISSN 1517 - 7858

1.Artes – Periódicos . 2. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Artes.

CDU 7 (05)

farol

Verão 2022/2023 – número 27, volume 18
Centro de Artes – Universidade Federal do Espírito Santo

ISSN: 1517 - 7858

FICHA TÉCNICA

A Revista Farol é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo.

Editores

Aparecido José Cirillo
Ângela Grando

Editoras de Seção

Júlia Mello
Marcela Belo

Capa e Editoração

Jovani Dala Bernardina
Rodrigo Hipólito

Imagem da capa

Luan Daniel Coelho Soares, detalhe do processo de construção da obra 192 Agulhas: narrativas transversais, 2022.

Colaboração Técnica

Viviane R. Silva (estagiária); Andressa Chiabai; Ciliani Celante; Fabíola Fraga; Iasmim D. Bernardina; Jaqueline Torquato; João Victor S. Fernandes; Marcelo Mattos Gandini; Michele Medina; Rosely Kumm.

Editora

PROEX/Centro de Artes
Universidade Federal do Espírito Santo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Centro de Artes
Campus universitário de Goiabeiras
Av. Fernando Ferrari, 514, CEMUNI I – Vitória, ES
CEP 29.075-910
revistafarolppga@gmail.com

Reitor

Paulo Sérgio de Paula Vargas

Vice-Reitor

Roney Pignaton da Silva

Diretora do Centro de Artes

Larissa Zanin

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Aparecido José Cirillo
Stela Maris Sanmartin

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Emerick Neves (PPGA-UFES)
Profa. Dra. Almerinda Lopes (PPGA-UFES)
Profa. Dra. Angela Grando (PPGA-UFES)
Profa. Dra. Cecília Almeida Salles (PUC-SP)
Profa. Dra. Diana Ribas (UNDS, Argentina)
Prof. Dr. Dominique Chateau (Université Paris 1, Panthéon-Sorbonne)
Prof. Dr. Gaspar Leal Paz (PPGA-UFES)
Profa. Dra. Isabel Sabino (FBA-UL)
Prof. Dr. João Paulo Queiroz (FBA-UL)
Prof. Dr. José Cirillo (PPGA-UFES)
Prof. Dr. Luis Jorge Gonçalves (FBA-UL)
Profa. Dra. Maria Luisa Távora (EBA- UFRJ)
Profa. Dra. Maria de Fátima M. Couto (IAR-Unicamp)
Profa. Dra. Monica Zielinsky (PPGAV-UFRGS)
Profa. Dra. Pilar M. Soto Solier (Univ. de Murcia, ES)
Prof. Dr. Raoul Kirchmayr (Univ. de Trieste, Itália)
Profa. Dra. Teresa Espantoso Rodrigues (FFL-UFBA)
Profa. Dra. Teresa F. Garcia Gil (Univ. de Granada, ES)
Prof. Dr. Waldir Barreto (DTAM-UFES)

7 APRESENTAÇÃO

ENSAIO

- 11 Agents intelligents œuvres d'art : personnages du langage et de la fiction
Nikoleta Kerinska

SEÇÃO TEMÁTICA

- 23 A importância da biografia na construção da interpretação das obras de Lúcia de Biase (1910-1991)
Tayná Batista Lorenção
Alexandre Siqueira de Freitas
- 30 Sonhos despertos. Notas sobre Poética e Onírica
João Vitor de Paula Araújo
- 36 Herança + O Fabuloso Inventário das Obras do Meu Avô: a cidade como legado da arte de construir
Gabriela Leandro Pereira
Mariana Leandro Pereira
- 48 Cadernos, livros, processos e uma proposta experimental sobre as formas de (apresent)ação
Paula Almozara
- 56 Para não esquecer: práticas de arquivos nas obras de Rosângela Rennó e Éder Oliveira
Matheus Guilherme de Oliveira
Everton Cardoso Leite
- 66 Obra fechada - o lugar para um mundo aberto
Ana Romãozinho
- 72 192 Agulhas: Narrativas Transversais
Luan Daniel Coelho Soares
Claudia Maria França da Silva

- 80** A resignificação do registro de paisagem presentes nos arquivos de processo de Marcus Vinícius
Rafael Gonçalves Marotto
José Cirillo

ARTIGOS

- 89** Processo de produção de conhecimento juntos: grupo de pesquisa em processo de criação
Cecilia Almeida Salles
- 97** As artes do olhar: artes visuais da potência à criatividade
Flávia Maria de Brito Pedrosa Vasconcelos
- 104** A mão dupla da imaginação e da empatia no trajeto da criatividade
Asdrúbal Borges Formiga Sobrinho
Stela Maris Sanmartin
- 116** Estética e política no Capitaloceno: considerações em busca de um pluralismo estético
Mateus Raynner André de Souza
- 128** Entre a teoria e a prática da mediação cultural: apontamentos a partir do Factors 8.0
Rittielli Quaiatto

TRADUÇÃO

- 140** Agentes inteligentes projetos artísticos: personagens que evoluem entre linguagem e ficção
Angela Grando
Nikoleta Kerinska
- 150** **NORMAS DE PUBLICAÇÃO**
PUBLISHING STANDARDS

Apresentação

É com satisfação que divulgamos a Revista Farol número 27, com o dossiê temático abarcando artigos que versam sobre arte contemporânea e a diversidade de expressões que direcionam o enfoque e discussão sobre “processos, cadernos, esboços poéticos”. Percebe-se o aspecto interdisciplinar dos artigos apresentados, possibilitando muitas leituras possíveis como históricas, materiais, artísticas, entre outras.

Aqui se apresentam, em linhas plurais, alguns aspectos caracterizadores da atividade artística: ela é novidade e ao mesmo tempo continuidade – tal como na definição de cultura – e ela é arbitrária, tanto no alcance de uma vertente do discurso e do pensamento artístico intencional, ou, de outra forma, também existir a um nível inconsciente do próprio agente. Devemos recordar que a práxis de pôr à vista os processos da arte não era, como é no tempo de agora, forma fundamental do fazer da arte, mas foi afinal o que pretendeu Marcel Duchamp: evidenciar processos e lhes desconstruir a lógica. Como já referiu Boris Groys, “conceber a inovação como uma mudança nos limites que separam a tradição cultural arquivada e valorizada do domínio das coisas profanas, naturalmente traz ao espírito, acima de quaisquer outras, a estética do ready-made e, em particular, as obras de Marcel Duchamp [...]”¹ Duchamp tornou-se um antimodernista e afinal foi o que ele pretendeu como posteriormente confessaria a Pierre Cabanne (1998, p.71):

[...] eu não queria fazer uma obra de arte. A palavra ready-made só apareceu em 1915 quando fui para os E. U. Mas quando coloquei uma roda de bicicleta sobre um banco não havia ainda qualquer ideia de ready-made.²

E nesse sentido, deu origem a uma nova tradição, mais tarde fecunda, na arte que lhe sucedeu: a do ready-made, com a conseqüente entrega da sua legitimação à interpretação e ao pensamento, ou seja, à ordem do discurso, ao processo poético da criação.

Este número da revista organizou-se como um importante instrumento sequencial inserido no projeto maior do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, o seminário ibero-americano Poéticas da Criação ES, que na sua XI edição trouxe como tema “O que se constrói nesse saber viver juntos?”, propondo um olhar sobre o processo criativo a partir dos desdobramentos de período pós-pandêmico e dos novos modos de viver juntos na era digital. Recolocava-se aí um território de questionamentos da arte para reflexões sobre as interações possíveis do processo de criação individual e/ou coletivo realizados nos ecossistemas urbanos, demarcando fazeres e saberes que constituem campos simbólicos ou físicos que fazem parte do cotidiano pessoal (do artista ou do coletivo de artistas ou do público), e do contexto social e cultural que envolvem o processo de criação nas artes.

Dentro deste dispositivo comunicativo, pensar o contemporâneo, e sua característica mais processual, tornou-se uma das discussões centrais da nossa época, e nessa problemática temos a

1 Boris Groys, *On the New*, Verso Books, Londres, 2014, p.85.

2 Marcel Duchamp (Auteur), Pierre Cabanne (Collaborateur), Marcel Duchamp. *Ingénieur du Temps Perdu*, Belfond, coll. “Entretiens”, Paris, 1998, p. 71.

sensação de que o nosso modo de existência se define, literalmente, no confronto com realidades, no poder do desassossego, da inquietação poética, das diversificadas abordagens resultantes da tecnologia. O ensaio de abertura desta publicação, *Agents intelligents oeuvres d'art: personnages du langage et de la fiction*, de Nikoleta Kerinska, é o resultado de uma pesquisa “ao mesmo tempo teórica e prática sobre o uso de tecnologias de inteligência artificial no campo da arte”. Certamente o advento das inteligências artificiais que criam obras de arte trará novas possibilidades na criação artística e vêm se somar as já profundas “revoluções” que a arte contemporânea assegurou. No contexto desse ensaio, a autora traça questões que se fusionam em abordagens sobre ficções artísticas, sobre a troca entre a inteligência humana e a inteligência da máquina, ou ainda sobre as possibilidades de criar máquinas dedicadas à experiência poética - além da transparência visual.

Entre os textos selecionados por meio de avaliação cega por pares para compor este número, encontramos um panorama abrangente de questões que a temática suscita. No texto “A importância da biografia na construção da interpretação das obras de Lycia de Biase (1910-1991)”, de Tayná Batista Lorenção & Alexandre S. Freitas, os autores colocam em relevância a obra desta musicista capixaba que atuou ativamente no meio musical na década de 1930, tendo produzido 426 composições no decorrer de sua vida.

João Vitor de Paula Araújo, em “Sonhos despertos. Notas sobre Poética e Onírica”, revisita Freud e explora o conceito de obra de arte enquanto sonho diurno ou sonho desperto em Sigmund Freud, especialmente presente em sua obra *O poeta e o fantasiar*.

O artigo “Herança + O fabuloso inventário das obras do meu avô: a cidade como legado da arte de construir”, as autoras Gabriela Leandro Pereira e Mariana Leandro Pereira, abraçam a imbricada relação entre “vida, a arte e trabalho de construir”, pesquisam e cruzam documentos familiares e institucionais para dar forma a instalação que foi apresentada na 13ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo (2022).

Paula Almozara, no artigo “Cadernos, Livros, Processos e uma Proposta Experimental sobre as Formas de (Apresenta)ção”, inicia sua fala intencionalmente lançando luz sobre uma situação vivida como artista na década de 1980 e parte dessa questão para debruçar-se sobre processos poéticos que utilizam cadernos e livros que, como descreve: “se estabelecem nas relações programáticas e sistêmicas, não apenas como fases operacionais e processuais de estudo no desenvolvimento de projetos artísticos, mas como instaurações finais da produção”.

O texto “Para não esquecer: práticas de arquivos nas obras de Rosângela Rennó e Éder Oliveira”, de Everton Cardoso Leite & Matheus Guilherme de Oliveira, transita através do suporte teórico de pensadores como Foucault, Walter Benjamin, Susan Stong, para lidar com conceitos de memória, arquivo, arte e violência, e nesse eixo traçar reflexões acerca de camadas marginalizadas da sociedade, necropolíticas, apagamentos, identidades e apropriações de imagens. Para tal, traçam convergências entre trabalhos de Hélio Oiticica e o Grupo 3NOS3.

Ana Romãozinho, em seu texto “Obra fechada: lugar para um mundo aberto”, analisa uma série criada a partir de uma regra pré-estabelecida para o desenrolar de cada obra pertencente à mesma série. Nesta série intitulada “ludografia”, a autora propõe, seguindo sua fala: “analisar as influências que as restrições da pandemia da COVID-19 tiveram na possível ligação entre a imposição de regras

e o processo criativo, remetendo para a ideia de jogo e convidando à reflexão sobre os papéis e diferentes relações que poderão surgir entre o propositos (a artista) e o público (aquele que joga)”.

O texto “Aguilhas: Narrativas Transversais”, de Luan Daniel Coelho Soares & Cláudia Maria França da Silva, inspirou nossa capa: um trabalho artístico relacionado à pesquisa experimental de Luan, que busca vincular Tatuagem e Desenho Contemporâneo, a partir de seus materiais, técnicas, suportes e gestos. Os autores relatam o processo de criação do trabalho “192 Agulhas”, um “objeto poético formado por 192 agulhas” [...] no qual deixa transparecer questões de fazeres no processo da tatuagem e relatam operações de desrealização funcional ou formal, serialização, entre outras, e problematiza o contato de diferentes indivíduos com uma mesma intenção: a ornamentação corporal.

Rafael Marotto & José Cirillo, no artigo “A ressignificação do registro de paisagem presentes nos arquivos de processo de Marcus Vinícius”, propõem uma análise de arquivos do processo de criação do performer capixaba Marcus Vinícius (Vitória, 1985 – Istambul, 2012) objetivando dialogar com as intenções narrativas desse performer que fez uso de seu corpo, para: “[...] dar ênfase à reflexão sobre as relações deste com o que o circunda, estabelecendo uma forte conexão entre arte e vida”, outrossim, para Marcus Vinícius, paisagem é o espaço de sua habitação.

Na sessão de artigos, Cecilia Salles, no texto “Processo de produção de conhecimento juntos: Grupo de Pesquisa em Processo de Criação”, introduz como foco a abordagem sobre um novo aprendizado relatando como produzir juntos em uma temporalidade provocada “com as imposições de um prolongado isolamento no período da pandemia de Covid19”. A partir do que desenvolve uma reflexão teórica e metodológica sobre o Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP e, entre outras questões relata a experiência histórica desse grupo atuando em “produzir juntos”.

O artigo “As Artes do olhar: artes visuais da potência à criatividade”, de Flávia Vasconcelos, relata o teor da conferência que abordou mesa redonda “Criatividade e perspectivas na Arte Contemporânea” dentro da Jornada Brasil do Seminário Iberoamericano sobre o Processo de Criação – Poéticas/ ES, 2022. Traz abordagens contextualizando “o passado para o presente”, no qual ressalta que o futuro da inovação “depende do fomento ao desenvolvimento da criatividade” e na sequência desenvolve breve conexão de conceitos e contextos da potência na criatividade, pontuando conclusivamente sobre a potência do olhar, melhor dizendo as “Artes do olhar”.

Asdrúbal Sobrinho & Stela Maris Sanmartin, no artigo “A mão dupla da imaginação e da empatia no trajeto da criatividade”, analisam o processo de criatividade no domínio de expressão das Artes, discutindo sobre o processo de criação a partir de interações entre: “autor e obra, mediada pela materialidade da ação criadora; autor e audiência, mediada pela materialidade obra; audiência e obra, mediada pelo movimento corporal físico ou imaginário esperado do espectador”.

Em “Estética e política no capitaloceno: considerações em busca de um pluralismo estético, por Mateus R. A. de Souza, discute e analisa o “Capitaloceno”, ou seja, a intrusão do capitalismo enquanto força geológica como um fenômeno estético. Para tal, lança mão de reflexões teóricas de autores como Bruno Latour, Jason W. Moore e Donna Haraway, Thomas J. Demos e Nicolas Bourriaud, e propõe uma intenção de proximidade, de confronto com realidades, questionando a tese do Capitaloceno.

Rittieli D’Ávila Quaiatto, nos apresenta em “Entre a teoria e a prática da mediação cultural: apontamentos a partir do FACTORS 8.0”, uma abordagem sobre o projeto de mediação cultural

desenvolvido na oitava edição do Festival de Arte, Ciência e Tecnologia – FACTORS 8.0, ocorrido em 2021, no Instagram e no Youtube. De suas diversificadas abordagens propõe no seu conjunto estimular “uma reflexão crítica sobre as estratégias de mediação empregadas nas exposições de arte, particularmente nas mostras online de Arte e Tecnologia, no período do isolamento social, decorrente da pandemia”. Em sua inquietação poética e em guisa de conclusão, diz : “Como saber se nossos projetos alcançam, de fato, os públicos? Visualizar uma obra no Instagram é refletir e construir conhecimento sobre arte?”

Agradecemos a todas as pessoas que colaboraram com sua energia, competência e profissionalismo para que o número 27 da Revista farol viesse a público.

Desejamos boa leitura!

Editores
Verão 2022/2023